

André Green – O trabalho do negativo e sua clínica¹

André Green – The work of the negative and its clinic

*José Martins Canellas Neto**

Resumo

O autor aborda o conceito de trabalho do negativo e sua clínica na obra de André Green. De maneira sintética são descritos alguns conceitos como alucinação negativa, narcisismo negativo, função objetualizante e desobjetualizante, pensamento clínico e as diferentes organizações psíquicas relacionadas a esses conceitos.

Palavras-chave: Trabalho do negativo. Alucinação negativa. Função desobjetualizante. Pensamento clínico.

Abstract

The author addresses the concept of work of the negative and its clinical application in the work of André Green. He briefly describes concepts such as negative hallucination, negative narcissism, the objectifying and deobjectifying functions, clinical thinking, and the various psychic organizations related to these concepts.

Keywords: *The work of the negative. Negative hallucination. Deobjectifying function. Clinical thinking.*

¹ Este texto é a transcrição da palestra proferida na Mesa de Debate “A destrutividade na Teoria e na Clínica Psicanalíticas – A. Green e D. Winnicott conversam”, em 26 de outubro de 2024, na sede do CPRJ.

* Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). São Paulo, SP, Brasil. josecanellas@uol.com.br

André Green é um pioneiro da clínica do negativo. Ao longo de toda sua obra, esse autor caminha na construção da ideia do negativo em psicanálise. Em seus últimos escritos, aborda a concepção de uma negatividade radical.

Ao lado do negativo, evoca o positivo, que estaria ligado à noção de pulsão, uma energia em excesso, relacionada a uma pura positividade. Examina a qualidade e a transformação desse excesso, que é fonte da originalidade pessoal de cada personalidade. Ele disse: “a vida é uma desordem fecunda”.

O negativo é o território no qual convergem o narcisismo negativo e os processos de desobjetalização, as paixões de vida e de morte da loucura pessoal.

Segundo Urribarri (URRIBARRI, *apud* GREEN, 2022, p. 9-21) podemos descrever três etapas na obra de Green: de 1967 a 1990, o estudo dos estados limite (*borderline*), de 1991 a 2000, o estudo da metapsicologia freudiana e de suas relações com os aportes de Lacan (a questão da linguagem), Winnicott (o espaço potencial e a transitoriedade) e Bion (os limites do analisável e a capacidade negativa) e, no final de sua vida, a pesquisa sobre a negatividade radical e o pensamento clínico.

Na primeira fase, já em 1967, levanta a noção de um narcisismo negativo e sua relação com o narcisismo positivo de Freud. O negativo pode ser estruturante ou desestruturante. No texto *Narcisismo primário: estrutura ou estado* de 1967, introduz o conceito de alucinação negativa da mãe, o qual seria um trabalho psíquico necessário para criar uma estrutura enquadrante, um espaço potencial de representações, o fundamento do processo de representação psíquica, para ele. A alucinação negativa seria a condição complementar à satisfação alucinatória de Freud. É produção do psíquico, um mecanismo de defesa fundamental. Podemos entendê-la como a representação da ausência de representação.

Até 1990, Green introduz vários conceitos: o par pulsão-objeto, a função objetalizante e desobjetalizante, uma teoria geral das representações e da linguagem, a noção de terceiridade e o trabalho do negativo.

O negativo e a alucinação negativa

Trata-se de um eixo conceitual que concerne a teorização de Green sobre a destrutividade: narcisismo negativo, função desobjetalizante e pulsão de morte.

O trabalho do negativo constrói os mecanismos de defesa: a recusa da realidade, o recalque, o repúdio/desmentido, a fora-inclusão (“*forclusion*” de Lacan). Green os considera como “formas de pensamento”.

O psicanalista francês também procurou elucidar o papel da pulsão de morte nas novas formas do mal-estar social e psíquico contemporâneas. Quanto ao papel das mudanças históricas nos processos sociais de subjetivação, salienta uma grande carga de dessimbolização. Essa seria uma das causas principais das mudanças na prática analítica contemporânea.

Para Freud, o “não” não existe no sonho. É seu valor simbólico que está ausente no sonho. Green, a partir de Freud, diz que na alucinação negativa o trabalho do negativo se faz sobre a percepção e, no recalque, sobre a representação. Neste último, há transformação do afeto de prazer em desprazer. Pensar necessita uma liberação do princípio do desprazer, uma baixa do afeto – angústia sinal.

A partir do texto *A negação* (1925), de Freud, Green salienta o papel da introjeção e da expulsão: o mau quer expulsar e o bom incorporar/introjetar. Mas só podemos introjetar o que se desligou do mau, do estrangeiro ao Eu, do Fora.

Coloca-se então a questão: o objeto da representação é real ou virtual? Num primeiro tempo rejeitamos por expulsão sem nos preocuparmos da realidade do objeto, nem do destino da expulsão. Ir para o mais longe de mim. Num segundo tempo, ao expulsar, continuando a ação de aniquilar subjetivamente, eu o reduzo a nada objetivamente. Exemplo, a fala do paciente: “É só um sonho ruim, não existe”.

Outro ponto da metapsicologia freudiana que o autor francês destaca é a noção de intricação e desintricação pulsional. Também aborda a questão da sublimação. Green defende a ideia de que o trabalho de sublimação é um trabalho que transforma, sendo a mais rica negatividade, a mais fecunda, a negatividade que fala a todos.

A expressão trabalho do negativo é inspirada por Hegel. A ideia de trabalho tem a ver com a noção freudiana da pulsão como exigência de trabalho psíquico. Em psicanálise o que está em jogo aqui é a noção de alteridade, a qual ultrapassa o outro como pessoa. Assim, a pulsão de morte é o outro da pulsão de vida. E para Green tudo é movimento.

É ilusório querer se preservar do falso. Temos necessariamente que nos haver com o falso. O falso seria um momento dialético do verdadeiro. Em todo falso, há o verdadeiro. O negativo não é o complemento do positivo, mas se fundamenta numa exclusão radical, uma rejeição, uma expulsão para fora da psique.

A alucinação negativa pode ser definida como representação da ausência de representação. Green lembra-nos que para Freud o inconsciente não tem

palavras. Freud diz, em *O inconsciente* (1915): “o sistema inconsciente contém os investimentos de coisa dos objetos, os primeiros e verdadeiros investimentos de objeto.”

A afirmação seria um substituto da unificação (Eros) e a negação seria uma sucessora da expulsão, da pulsão de destruição.

A alucinação negativa se exerce sobre o objeto primário: a partir da ausência deste, sobre um fundo de presença, seu envoltório é esvaziado e emprestado dele, constituindo para o sujeito o que Green chama de *estrutura enquadrante da psique*. Esta, sem ser a representação de alguma coisa, tornou as condições de representação possíveis.

O que é emprestado do objeto primário não é uma representação, mas sim o sentimento de uma autossuficiência, de uma unidade do Eu.

Uma vez constituída, pela alucinação negativa, a estrutura enquadrante da psique fornece os limites de um espaço vazio, prestes a ser preenchido pelos conteúdos do autoerotismo e das relações de objeto ulteriores.

Green descreve toda uma clínica da alucinação negativa. Por exemplo, a “psicose branca”, na qual ocorre uma alucinação negativa do pensamento, do circuito da representação de representações.

Enfim, Green estende a alucinação negativa à constituição dos limites da representação do Eu e do objeto. A estrutura enquadrante da psique funciona como continência, a qual se apoia nos traços motores e táteis da relação com o objeto primário. Ela pode atingir a percepção sensorial do objeto ou da imagem de si mesmo, mas também a percepção interna do corpo próprio ou dos afetos.

Uma dupla concepção do narcisismo: as organizações positivas e negativas

O sujeito seria sede de movimentos de intricação e de desintricação pulsional. Há para Green um narcisismo positivo que visa a unidade. Nele, o investimento de si mesmo é mais alimentado que o do objeto. E há um narcisismo negativo, que tende ao nível zero, visa o nada e tende à morte psíquica. Este último engloba uma gama ampla de casos, além dos distúrbios narcísicos, o ascetismo e a negatificação da gratificação, os sentimentos de vazio, a anorexia, as idealizações extremas, etc.

Green considera, no processo analítico, que a superfície da comunicação do paciente nos leva a uma outra organização de sentidos que não é essa da superficialidade comunicativa. A associação livre favorece esse aparecimento

de um outro sentido. Esse outro discurso, latente, dependente dos efeitos de sentido no destinatário da mensagem, o analista. Dessa forma, Green fala em processo psicanalítico de interfecundação.

A desobjetalização

A função desobjetalizante desfaz os nós, dissolve as significações, quebra ligações do discurso, cedendo a paráfrases e ao discurso narrativo. Nesses casos, não há a possibilidade de deixar adivinhar por detrás da aparência da superfície comunicativa que deveria refletir o que ela cria imaginariamente. Ocorre, nesse caso, uma representação do mesmo, que se adivinha por detrás de formas enganadoras variáveis, repetindo a mesma coisa por detrás de disfarces.

O trabalho do negativo não tem só um sentido pejorativo, mas inclui as formas ordinárias de sublimação e desbloqueios do material clínico, abrindo para formas que estavam enclausuradas. Green segue as ideias de Freud e de Bion, para os quais o ponto central é o excesso pulsional e sua transformação ou evacuação.

Algumas formas de trabalho do negativo

Nessas quantidades em excesso, sejam elas provocadas por um afluxo de excitações, um aumento de frustrações ou qualquer outra causa, o trabalho do negativo visa reduzir o nível de tensão representado pelas diferentes maneiras de o aparelho psíquico dizer não a essa situação de excesso, a fim de conseguir um nível de funcionamento compatível com o trabalho psíquico de pensamento.

O mais comum desses procedimentos é o recalque. Nele há presença do inverso sobre o direito manifesto, do contrário do que é. O “não” domina a cena do consciente.

Na clivagem, o aparelho psíquico é capaz de dizer ao mesmo tempo que sim e que não. A clivagem admite a verdade, mas com uma não crença nela, para não ameaçar crenças inabaláveis. Na concepção de Freud há, na clivagem, coexistência do reconhecimento e do desejo.

Na Fora-inclusão (Forclusão) trata-se de uma rejeição radical, não há nenhuma forma de reconhecimento. A Coisa é expulsa da cadeia significativa e retorna do fora: é uma forma alucinatória de pensamento (psicose).

Na negação da linguagem, o “não” é o fundamento comum de todas as verdades, um substituto intelectual do recalque. É a possibilidade de ser admitido no consciente um conteúdo psíquico com a condição que seja negado. A força da negação na linguagem é considerável e onipresente, e se aplica também a conteúdos incontestáveis, desafiando mesmo as verdades estabelecidas. Os diversos negacionismos encontrados nas culturas são, nesse aspecto, exemplares.

O pensamento clínico

O pensamento clínico não seria uma teoria da clínica, mas um modo original e específico de racionalidade proveniente da experiência da psique do analista na sessão. Ele tem a característica, quando relatado pelo analista, de ser um pensamento que, sem fazer referência a um determinado paciente, faz-nos sempre pensar em algum paciente nosso. Há um trabalho de pensamento em obra durante o encontro analítico como, por exemplo, uma representação que nos vem à mente, fazendo aparecer alguma coisa que não estava lá.

No livro *O pensamento clínico* (2002), Green descreve vários tipos de funcionamentos psíquicos, construídos a partir dessa noção: analidade primária, posição fóbica central, histeria e estados limite, relações entre narcisismo e masoquismo etc.

Uma reflexão sobre os aspectos do campo depressivo

No livro *La clinique du négatif*, estabelece uma distinção entre as depressões que atingem a organização do Eu e as que não a atingem. Na melancolia não há desagregação do Eu, não há dissolução dos mecanismos do Eu.

O fenômeno da “perda de objeto” leva a uma exacerbação da vida pulsional com a luta entre pulsão de vida e de morte, quando do desaparecimento do objeto. A partir dessa noção, Green levanta uma hipótese central: existe em toda forma de depressão um afastamento dos objetos, essa perda não leva a uma desagregação do Eu, mas a sentimentos de ausência e de vazio.

Num nível mais profundo de depressão é o vital e não o pulsional que é atingido. O exemplo é o da “depressão essencial” de Pierre Marty (1968): uma depressão sem conflitos, com uma baixa do tônus vital, contemporânea de uma desorganização essencial. Nesses pacientes, a vida ela mesma é atingida. Esse é o campo da psicossomática psicanalítica. Green levanta a hipótese para

os casos psicossomáticos de que ocorreria uma ruptura precoce da ligação da pulsão com o futuro objeto, com o desligamento do componente energético pulsional do objeto visado por ele. Com esse desligamento pulsão-objeto o narcisismo não pode se fortalecer para operar sua transformação em objetividade. Há bloqueio da função objetualizante.

Se o nível pulsional é atingido, trata-se da melancolia, com uma regressão narcísica e uma regressão oral canibalística. Há o afastamento dos objetos. Quando o paciente fala de sua relação aos objetos ele parece ausente do que diz.

No nível relacional, a depressão está ligada à depressão de um outro. É o exemplo do famoso artigo sobre a “mãe morta” (1980).

Por fim, a depressão intrapsíquica que é ligada às manifestações do Supereu, com a culpa inconsciente, típica da depressão neurótica.

Para Freud a primeira pulsão não é o investimento, mas aquela que quer desfazer os resultados do investimento, desfazer esse investimento perturbador da calma. O que marca a chegada da pulsão de morte é a relação com o objeto, a libido do objeto. É com o objeto que atingimos um nível humano.

O trabalho do negativo foi uma maneira original, num grande esforço intelectual feito ao longo de muitos anos, no qual Green integrou a chamada “virada dos anos vinte” de Freud, com a introdução da dualidade pulsão de vida/pulsão de morte (em *Além do princípio de prazer*), a uma reflexão metapsicológica que tenta dar conta de toda a clínica não neurótica e seus limites.

Tramitação

Recebido 15/09/2025

Aprovado 23/09/2025

Referências

- FREUD, S. *O inconsciente* (1915). São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 99-150. (Obras completas, 13).
- GREEN, A. *Narcisisme de vie, Narcisisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.
- _____. *La pensée clinique*. Paris: Éditions Odile Jacob, 2002.
- _____. *La clinique du négatif*. Paris: Les Éditions d'Ithaque, 2022.
- URRIBARRI, F. Le négatif et ses destins dans la théorie et la clinique contemporaines. In: GREEN, A. *La clinique du négatif*. Paris: Les Éditions d'Ithaque, 2022.